

## EXTRA-CLASSE

# A Reforma Agrária que nunca existiu

Fotos: NICHOLAS FONSECA e REGINA VOGT



Cerca de 60 pessoas estiveram no Cultura na SEDUFSM de 14 de julho

Em mais de 500 anos de história, o Brasil nunca realizou uma verdadeira reforma agrária. Esse foi o ponto consensual dos participantes do debate “Reforma Agrária. Quais as alternativas?”, durante a 32ª edição do *Cultura na SEDUFSM* de 14 de julho. Conforme o professor do departamento de Extensão Rural da UFSM, José Geraldo Wisniewsky, o tema da reforma agrária só foi tratado pela primeira vez, do ponto de vista jurídico, após o regime militar, com a instituição da lei 601, do Estatuto da Terra, em 1964. Do *Cultura* do dia 14 de julho também participaram o professor William Soto, do Instituto de Sociologia

da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e o Frei Sérgio Görgen, da coordenação da Via Campesina, morador de Hulha Negra-RS. Coordenou o debate o professor do departamento de Extensão Rural da UFSM, Paulo Silveira.

José Wisniewsky lembrou que o Estatuto da Terra é uma lei feita sob encomenda em um regime autoritário. Contudo, tratar da reforma agrária em tempos democráticos só foi acontecer a partir de 1988, com a nova Constituição e, após os entraves proporcionados pela bancada ruralista, finalmente, em 1993, a regulamentação através da lei 8629, que vai falar

na “função social da terra”. No contexto atual, o professor do departamento de Extensão Rural da UFSM diz que a lógica usada pelo governo de promover a reforma agrária através da desapropriação é questionável, pois, além do fato de não haver um excedente de terras disponíveis para serem compradas pelo governo, muitas vezes corre um processo judicial de desapropriação que demora um longo tempo. Mesmo na atual legislação, esclarece Wisniewsky, não há um limite de terra para um único proprietário.

O professor William Soto, da UFPel, destacou que a reforma agrária já foi objeto de reivindicação em função de seus efeitos econômicos. Segundo ele, nos anos 1950/60, o

debate era de que essa reforma proporcionaria uma ampliação do mercado interno. Diversos países, entre os quais, na Inglaterra, os capitalistas necessitaram da reforma agrária para a acumulação de capital. Isso não aconteceu no Brasil, comentou Soto. Aqui, os capitalistas conseguiram desenvolver o sistema mesmo sem desconcentrar a terra. Na condição de nicaraguense, o professor da UFPel ressaltou que a luta pela democratização da terra é antiga na América Latina. “A reforma agrária já foi estratégia econômica, mas também de dominação”, destacou Soto, pois em nome dessa reforma, em alguns países, governos autoritários fizeram a “contra-reforma” com o objetivo de tirar a bandeira das mãos dos movimentos sociais.



Wisniewsky: desapropriação não é a melhor saída



William Soto: capitalismo sem reforma agrária

## À espera de uma solução

Adentramos o século XXI sem resolver o nosso principal problema: a reforma agrária. A avaliação é do frade franciscano, que já foi até deputado estadual pelo PT, Frei Sérgio Görgen. Autor de vários livros, dentre os quais, “O massacre da Fazenda Santa Elmira” e “Marcha ao coração do latifúndio”, Görgen assinala que a Reforma Agrária deve ser feita de formas distintas, em função da realidade geográfica e também da cultura da população. Contudo, diz ele, é preciso ter um núcleo central e, faria parte dele “acabar com o latifúndio” e “redistribuir as pessoas no espaço geográfico”. Só dessa forma, segundo Görgen, seria possível evitar que os grandes centros urbanos continuassem inchando, o que certamente levará, na avaliação dele, a um colapso no meio urbano.

Para implantar essas mudanças, diz Görgen, seriam necessárias duas situações: um Movimento Social forte e um Estado que coloque em execução a reforma agrária. O grande problema do planeta, segundo o



Frei Sérgio: é preciso acabar com o latifúndio

religioso, é o atual modelo de desenvolvimento. Sem haver modificações, a tendência é se chegar a um nível insustentável no que se refere à produção de alimentos em termos globais, profetiza o coordenador da Via Campesina.

Durante as intervenções da platéia, com questionamentos aos debatedores, inúmeras divergências se manifestaram. Um diretor do Sindicato dos Trabalhadores questionou sobre o Movimento Sem-Terra, que, segundo a leitura feita por ele, teria em seu interior pessoas que não tinham capacidade de trabalhar na terra. Görgen respondeu que esse é um discurso preconceituoso de quem acha que as pessoas que vêm para a cidade não podem querer voltar para o

meio rural. O governo Lula também teve manifestações favoráveis e críticas por parte do público. Cerca de 60 pessoas prestigiaram o *Cultura na SEDUFSM* do dia 14 de julho que debateu “Reforma Agrária. Quais as alternativas?”..